

Apartamento #1

Um ano de casa nova

Medição de impacto qualitativa – Ano 1

Equipe FICA: Bianca Antunes (coordenação), Fabiana Endo (assistente de projetos), Marília Tenório (comunicação)

Entrevistas: Fabiana Endo

Novembro 2020

Sumário

| | |
|--|----------|
| Introdução | 3 |
| Processo de entrevista e indicadores | 3 |
| Estrutura da entrevista | 3 |
| Entrevista com os pais – temas e respostas | 4 |
| 1. Trabalho e renda | 4 |
| 2. Saúde | 4 |
| 3. Educação dos filhos | 6 |
| 4. Lazer e cultura | 6 |
| 5. Segurança | 6 |
| 6. As crianças, na perspectiva dos pais | 7 |
| Entrevista com as crianças – temas e respostas | 7 |
| 1. O que mais gosta do apartamento | 7 |
| 2. O que não gosta do apartamento. O que mudaria. | 8 |
| 3. O que faz aqui que não conseguia fazer na outra casa. | 8 |
| 4. O que sente falta e/ou o que não dá pra fazer na casa nova. | 8 |
| 5. Lazer | 8 |
| 6. Pandemia | 8 |
| 7. O Apartamento #1, na perspectiva das crianças | 8 |
| Conclusões | 9 |

Introdução

Este relatório refere-se à entrevista para análise de impacto após um ano da mudança da família no Apartamento #1 do FICA (rua Julio Mesquita, 69).

A família foi selecionada após um processo seletivo realizado no primeiro semestre de 2019, e mudou-se para o apartamento em julho de 2019.

A **família do Apartamento #1** é composta pelo casal, Mariana e Eudes, e seus três filhos: Maysa, de 9 anos, Maria Eduarda, 6 anos, e Enzo, 3 anos.

Processo de entrevista e indicadores

A primeira conversa sobre impacto, da família selecionada com o FICA, aconteceu em agosto de 2019, para contar como havia sido o processo da mudança e a adaptação no novo apartamento – a entrevista foi realizada apenas com os adultos, Mariana e Eudes. Naquela ocasião, conversamos sobre questões de saúde, trabalho, mudança para São Paulo, rede de apoio e familiares, educação das crianças e moradia. A conversa, gravada, originou um dos [vídeos apresentados durante a Bienal de Arquitetura de Chicago](#), que conta um pouco da história da família e de sua busca por moradia no centro de São Paulo.

Para acompanhar o impacto da nova moradia, planejamos uma nova conversa a ser realizada um ano após a entrada no apartamento (julho 2020). Com a pandemia de Covid-19, no entanto, a entrevista foi adiada, e ocorreu somente em novembro de 2020, quando todos estavam melhor adaptados ao contexto.

Respeitando as medidas de isolamento social, a conversa foi realizada de maneira remota, por uma videochamada (Whatsapp). O intuito da conversa era entender quais foram os impactos do apartamento na vida da família e que novas oportunidades a segurança da moradia trouxe, em cinco aspectos:

- trabalho e renda
- saúde
- educação dos filhos
- lazer e cultura
- segurança

Falou-se também sobre como a pandemia afetou a vida da família nesses mesmos temas.

Estrutura da entrevista

A entrevista foi realizada em duas partes: a primeira com as duas filhas mais velhas, Maysa e Maria Eduarda, e a segunda com o casal, Mariana e Eudes. Para ambas as partes,

contextualizamos que o acompanhamento da família e das oportunidades e impactos do apartamento em sua vida eram importantes para que déssemos continuidade ao trabalho do FICA, e nada influenciaria na relação da família com o FICA. Foi combinado que a entrevista não seria divulgada e ela foi gravada (áudio) apenas para transcrição posterior.

As perguntas foram abertas e qualitativas, assim como a primeira conversa, em 2019, dando espaço para que os entrevistados refletissem sobre outros temas. A conversa com os pais, assim, foi semiestruturada, passando pelos temas de interesse com flexibilidade para explorar cada um. Já a conversa com as crianças foi estruturada, com perguntas mais diretas, já que elas se sentiram mais receosas por não terem vínculo com a entrevistadora, e incluiu o pedido de um desenho sobre o apartamento ao final.

Entrevista com os pais – temas e respostas

1. Trabalho e renda

Economia: A mudança para o Apartamento #1 possibilitou que economizassem dinheiro com transporte público para ir ao trabalho – esse percurso passou a ser realizado a pé.

Trabalho: **Antes da pandemia, Mariana fazia trabalhos como manicure. O número de trabalhos que pegou depois da mudança aumentou, e a renda da família também.**

Mudanças com a pandemia

Com a pandemia, cerca de meio ano depois da entrada da família no apartamento, a relação com o trabalho mudou bastante. **O restaurante onde Eudes trabalha esteve fechado por um período, até que iniciaram as vendas por aplicativo de entregas. Por um tempo, o contrato foi alterado e ele passou a receber parte do salário pelo governo.** A alteração na jornada fez com que tivesse seus benefícios suspensos nesse período, e a renda reduzida

Mariana, por sua vez, parou de pegar os trabalhos como manicure, pelo medo da contaminação e de trazer o vírus para casa. “A economia que foi feita antes da pandemia foi gasta durante a pandemia”, contam. Com o relaxamento das regras de isolamento da pandemia, ela começou a pegar algumas diárias como faxineira.

O aluguel e a pandemia

"Quando a gente chegou, tava tudo ótimo, tava tudo uma maravilha. Aí chegou a pandemia. A gente ficou assustado, porque a gente ia ter um valor pra pagar todo mês". Durante a pandemia, após uma conversa e acordo entre o FICA e os inquilinos, foi combinada uma diminuição do valor pago de aluguel durante 4 meses.

2. Saúde

Situação na casa anterior

Na casa anterior da família, havia muita umidade, já que na unidade onde viviam era onde lavavam e estendiam suas roupas, e estava sujeita a alagamentos periódicos por conta do entupimento do esgoto predial (a unidade em que moravam ficava em cima da caixa de esgoto do prédio). A unidade tinha apenas uma pequena abertura que dava para o fosso do prédio. Não havia entrada de luz nem ventilação naturais. Quem mais sofria com as condições habitacionais da casa anterior era o filho mais novo do casal, Enzo, que nasceu prematuro e tem problemas respiratórios.

Mudanças em relação à saúde

Mariana conta que precisava levar o filho mais novo ao hospital todo mês por questões respiratórias, e que no Apartamento #1, já não precisou. Essa mudança na condição do Enzo foi exposta já na conversa de agosto de 2019, um mês após a mudança, quando relataram que o filho não tinha precisado usar o inalador ainda, sendo que na casa anterior ele usava toda semana. **"Ele só vivia doente, ia pro hospital direto, não tinha um mês que não ia com ele pro hospital. Agora a gente vê bastante diferença (...) só assim, quando dá uma mudança de tempo, dá uma gripezinha que é normal"**, contou Mariana.

O casal não sentiu muita diferença na questão física: "A gente sempre foi forte, sempre teve que ser por causa das crianças. A gente não pode cair por causa delas". O que perceberam foi uma melhor disposição e mais praticidade no dia-a-dia: "Mudou o cansaço, que antes a gente tinha que, todo dia, subir e descer do quarto. Era uma escada que a gente subia", explicou Mariana – na unidade anterior, eles construíram um mezanino onde as camas foram instaladas. Mas relataram melhora na saúde psicológica. **"Depois que mudamos pra cá, sentimos um astral melhor"**, contou Eudes.

Saúde e a pandemia

Quando perguntamos como teria sido viver a pandemia na outra casa, eles riram como um alívio: "Ah, teria sido bem difícil! Muito difícil! Ainda mais pq a casa era úmida, ia atrapalhar bastante.". Contam que a umidade e a falta de espaço para as crianças brincarem teriam dificultado o dia-a-dia, já que passaram a ficar o dia todo dentro de casa.

A alta circulação de pessoas, a impossibilidade do isolamento social e das práticas de higiene recomendadas para evitar a propagação do vírus teriam exposto muito mais a família ao risco. Mariana tem um irmão e a mãe que ainda moram no prédio onde estavam anteriormente, então acompanhou a movimentação lá durante os meses de pandemia. "Lá não tinha isso de usar máscara não, ninguém tava nem aí!", Eudes conta.

Souberam de um caso de contaminação por coronavírus no prédio anterior, onde vivem 16 famílias, mas que felizmente nada grave ocorreu com os parentes que vivem por lá. **Não ficaram sabendo de nenhum caso no prédio onde estão hoje, do Apartamento #1, e contam que o condomínio foi bastante exigente com o uso de máscaras e disponibilidade de álcool em gel.**

3. Educação dos filhos

A filha mais velha, Maysa, vai à escola de perua escolar, enquanto a mãe leva os mais novos a pé. Mariana diz que ela e Eudes sempre foram bastante presentes com a educação dos três, reservando um horário diário para acompanhá-los nos estudos e lições. Agora, em pandemia, os três estão em casa: Maysa assiste aulas de forma online e os dois mais novos não estão tendo atividades escolares. A escola de educação infantil da Maria Eduarda abriu para algumas crianças assistirem aulas na escola, mas a família decidiu que era melhor não ir.

No desenvolvimento das crianças, o brincar é muito importante para elaboração, criatividade e compreensão de si mesmas. Mariana conta que o Apartamento #1 foi muito bom para as crianças nesse quesito, por ter mais espaço, mais privacidade e segurança. Elas gostam de brincar na varanda e, quando não podem ficar ali, “fazem as cabaninhas” na sala. A mãe conta que, antes da pandemia, chegavam a convidar amigas das meninas para irem ao apartamento, o que não conseguiam fazer na casa anterior.

4. Lazer e cultura

Apesar de serem bastante caseiros, Eudes e Mariana contam que **passaram a ir ao cinema Marabá de vez em quando** (antes da pandemia) – na outra casa, contam, não iam porque não havia cinema perto, e frequentavam pouco essa parte do centro. Sempre que falavam em opções de lazer, os dois incluíam as crianças: "A gente levava elas muito no Mc [Mc Donald's], no cinema, isso é o lugar preferido delas", explica Mariana.

Como as crianças estudavam em tempo integral (até às 17h), o único momento de lazer, segundo Mariana, era aos finais de semana. Os pais contam que “sempre que a gente tinha um tempinho e um dinheirinho extra, a gente levava elas”. Mariana conta: “Eu as levava no Shopping Light para elas conhecerem. O negócio delas não é nem brinquedo nem brincar: é ver loja!”

5. Segurança

Segundo Eudes, a maior mudança para eles foi a segurança que o Apartamento #1 proporciona: “Deixar elas [as crianças] seguros, porque elas ficam em casa”, enquanto sai para trabalhar. Mariana diz que o apartamento trouxe “**a segurança que a gente tem de poder dormir tranquilo e acordar tranquilo e saber que dentro de poucos dias a gente não vai poder ser despejado**”.

Além do medo do despejo, o local onde viviam anteriormente [*uma ocupação não estruturada, com ordem de despejo*] era bastante exposto e ficavam suscetíveis a revistas da polícia. Depois de presenciar um episódio em que policiais entraram armados revistando o local, a filha mais nova passou a demonstrar medo: “Quando alguém batia no portão, ela já dizia ‘ah, é a polícia!’ porque a gente já passou por isso”. “A gente inclui a segurança de você poder saber que você tá dentro de casa e saber que em momento nenhum a polícia vai entrar pra te colocar pra fora ou vai chegar e bater na sua porta, procurando alguém da localidade, entendeu? Pra gente é essa base de segurança e a localidade. A gente preza bastante isso.” No

Apartamento #1, isso deixou de ser uma preocupação, segundo eles, já que para qualquer pessoa entrar, precisa de autorização na portaria.

Mariana define também que agora eles têm a “segurança do endereço”: **“Aqui a gente tem mais oportunidades.** Lá, eu não tenho nada contra a comunidade, mas isso afetava bastante. Todo lugar que a gente passava, as pessoas não sabiam onde era [nosso endereço]. Aí eu falava ‘é próximo da Comunidade do Moinho [uma favela na linha do trem]”.

Eudes também diz: **“quando a gente tava lá, e a gente falava de onde a gente era, todo mundo criticava a gente, achava que a gente era um coitado, ou não sei o quê. A gente só não tinha condição de pagar um aluguel tão alto.”**

"Uma vez, eu recebi uns parentes que moram em Bertioga, uma tia. A coisa mais difícil era ela ir lá, na Eduardo Prado [ocupação onde moravam]. É pela localidade, ela tinha bastante medo. Ela sempre morreu de medo de chegar em casa e ter polícia. Aqui eles já vieram".

6. As crianças, na perspectiva dos pais

Quando perguntados sobre como viam o impacto da nova moradia nas crianças, eles disseram que há mais espaço para brincar, e também têm mais privacidade. "Elas tão bem felizes, viu". Segunda eles, **o lugar preferido delas é a varanda e a televisão, e quando o tempo está ruim, elas brincam dentro de casa.** "Elas fazem as cabaninhas delas que elas gostam de acampar. Elas falam que o divertimento delas é dormir na sala. Aí é a festa do pijama delas, colocam o colchão na sala e fazem a cabaninha". Já chamaram as amigas algumas vezes, mas com a pandemia isso não acontece mais. **"Aí as amigas vêm e fazem a festinha, e isso é coisa que a gente não fazia na outra moradia. Pelo pouco de espaço que lá tinha. Elas tão bem divertidas aqui, viu".**

Eles lembram da época da mudança e de como a nova casa foi importante para elas, principalmente para a Maria Eduarda, que sentia muito medo de uma possível entrada da polícia. **"A Maria Eduarda fala que tem a casa velha e a casa nova."**

Entrevista com as crianças – temas e respostas

Conversamos também com as filhas mais velhas, Maysa, 9, e Maria Eduarda, 6. As duas tomaram um banho e se arrumaram para falar conosco (também por videoconferência – Whatsapp) e, apesar de terem começado a conversa tímidas, se soltaram e falaram mais no final.

A conversa com as crianças foi mais centrada em percepções do apartamento, o que mais gostam e o que menos gostam, o que fazem para se divertir, como está sendo passar o momento da pandemia.

1. O que mais gosta do apartamento

Quando questionadas sobre o que mais gostavam no Apartamento #1, **apontaram a varanda como o lugar preferido.** "Ela tem grades, tem várias cadeiras da minha mãe e do meu pai, e dá pra brincar. Ela é bem pequena mas dá". Duda também acrescentou: **"Gosto muito da tv e da comida"**. A sala é o lugar da casa onde passam o maior tempo.

2. O que não gosta do apartamento. O que mudaria.

As duas responderam que **não mudariam nada**, e que não há nada que não gostem no apartamento.

3. O que faz aqui que não conseguia fazer na outra casa.

A brincadeira na varanda, e ter mais espaço é o que mais chama atenção das duas meninas. "Tudo mais é legal!", conta Duda.

4. O que sente falta e/ou o que não dá pra fazer na casa nova.

Por ser um edifício pequeno, havia mais amizade entre crianças, o que no novo apartamento não foi possível ter. **Maysa diz que na outra casa tinha mais amigos, e no apartamento ela só tem os amigos da escola.**

5. Lazer

As duas contam que **costumavam ir ao cinema antes da pandemia**. "A gente ia ver Frozen 2, vários filmes. Mas a gente não tá indo mais por causa da pandemia". O Mc Donald's, como os pais adiantaram, também é um lugar de lazer para elas.

6. Pandemia

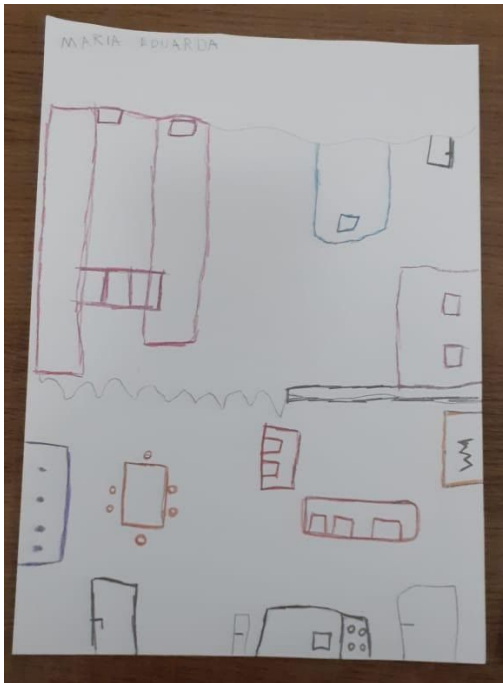
As duas têm passado o tempo brincando. "Tá sendo muito legal, tem vários brinquedos pra gente brincar". **"A mãe fez bolo de unicórnio e docinhos, docinhos saudáveis"**, contam. Maysa, a única que tem aulas online, conta que está também estudando. "Eu tô estudando, lendo livros, vendo muita televisão".

7. O Apartamento #1, na perspectiva das crianças

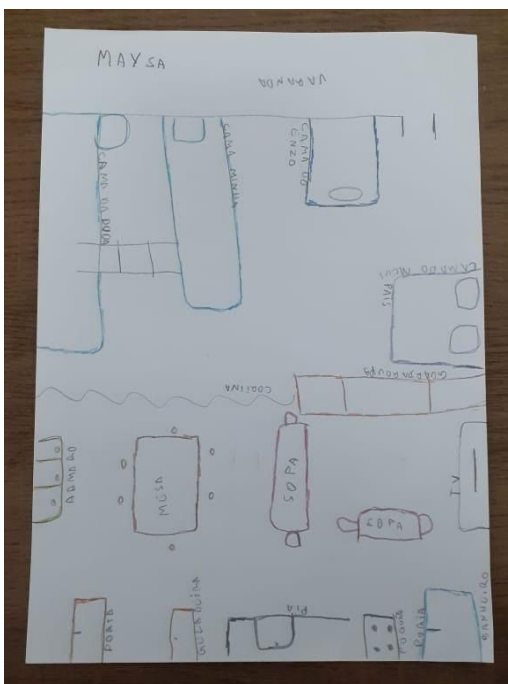
"É um lugar confortável". "É muito legal".

Pedimos para cada uma desenhar a casa, do jeito que quisessem. Elas descreveram o espaço também em forma de desenho e, ao explicar, a primeira coisa que a Maysa apontou foi a varanda, depois falou da sua beliche e foi passando pelas camas. Mostrou o sofá, a tv, a cozinha, a "louça para lavar" e, por último, o banheiro.

As duas resolveram desenhar o apartamento em forma de planta baixa, incluindo todos os cômodos e móveis da casa, como pode ser visto abaixo. Imaginamos que os desenhos saíram muito parecidos porque as duas fizeram juntas e construíram de forma compartilhada as representações.



Desenho feito pela Maria Eduarda, 6



Desenho feito pela Maysa, 9

Conclusões

Como a entrevista foi realizada nove meses após o início da pandemia, em alguns pontos houve certa dificuldade para a família relatar em detalhes como estava sendo o momento anterior (julho 2019 a março 2020). Os impactos são registrados a partir da fala da própria família, ou seja, trata-se sobretudo da percepção do impacto da nova moradia.

Pelo relato da família, percebemos impactos em dois pontos principais: a saúde física e mental da família. A saúde física é destacada principalmente pela melhora dos problemas respiratórios do filho mais novo, Enzo. Sem precisar recorrer ao hospital constantemente – algo ainda mais complexo em um ano de uma pandemia relacionada ao sistema respiratório –, Enzo foi liberado para frequentar a creche pelo médico, conseqüentemente liberando a mãe para trabalhar, aumentando a renda da família.

A melhoria da saúde mental é vista no depoimento dos pais, quando relatam que já não se preocupam com a segurança dos filhos em relação à entrada de estranhos na casa, ou da polícia no prédio. Destaca-se, ainda, uma melhora na auto-estima ao terem a segurança de um endereço formal, onde parentes e amigos não têm medo de ir/visitar, e que podem dizer onde moram sem medo de julgamento.

Na parte de lazer, o destaque foi começarem a frequentar o cinema – os pais e as crianças.

A pandemia foi um complicador na área da renda. Com as crianças em casa o dia todo, Mariana deixou de trabalhar fora, enquanto Eudes teve diminuição de renda principalmente nos primeiros meses. Na parte de lazer, acabaram se restringindo a opções dentro de casa, tornando a TV cada vez mais presente. Estar morando no Apartamento #1 durante a pandemia, no entanto, garantiu um espaço habitacional de qualidade, com ventilação e iluminação naturais – essencial para as crianças e, especificamente, para Enzo. Com espaço para brincar na varanda, as crianças tiveram um ambiente de mais qualidade. O edifício também contou com regras restritas, como uso de máscara e disponibilização de álcool em gel, auxiliando na proteção dos moradores.